



**O FRACASSO ESCOLAR EM SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES:
INTERPRETAÇÕES E PROJETOS**

**THE SCHOOL FAILURE IN ITS MULTIPLE DIMENSIONS: INTERPRETATIONS AND
PROJECTS**

**EL FRACASO ESCOLAR EN SUS MULTIPLES DIMENSIONES:
INTERPRETACIONES Y PROYECTOS**



GUALTIERI, Regina C. Ellero, LUGLI, Rosário Genta. **A escola e o fracasso escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2012. (Coleção educação & saúde; v.6).

Resenhado por:

Vivian Batista da Silva

Universidade de São Paulo

No quadro das questões enfrentadas pelos professores em seu trabalho cotidiano, o problema de superação do fracasso e de promoção da equidade e justiça social é, certamente, um ponto nevrálgico. A obviedade dessa constatação já assinala a relevância do livro **A escola e o fracasso escolar**, publicado em 2012 pela Editora Cortez (São Paulo) e assinado por Regina C. Ellero Gualtieri e Rosário Genta Lugli. O texto não deveria ser destacado apenas pela sua temática, mas principalmente pela forma como conduz as discussões e pelo tipo de contribuição que traz. Falar do fracasso escolar significa estar atento a uma série de questões, como por exemplo, a das políticas educativas que conformam as ações da escola, a dos conhecimentos que propõem a formação para o trabalho docente e a dos modos como aparecem as representações acerca do fracasso. Estamos diante de um tema largamente reconhecido e, ao mesmo tempo, multifacetado, que conduz a variadas dimensões e entendimentos.

Diante de tantas interpretações acerca do problema, o texto de Gualtieri e Lugli assinala com clareza uma definição de fracasso escolar, o que nem sempre é tarefa fácil ou explicitamente exposta nas produções da área. A Introdução do livro inicia-se justamente com exemplos de casos típicos de insucesso que vale a pena retomar aqui:

Crianças ou jovens que não leem e escrevem com a fluência esperada para a etapa de escolarização em que se encontram costumam exemplificar o chamado fracasso escolar. Nessa condição, também figuram aqueles que, persistentemente, se mantêm com baixo rendimento e têm um histórico com múltiplas repetências, ou abandonam a escola antes de completar sua formação, ou ainda, não se ajustam às regras institucionais e, por isso, têm conduta considerada indesejável, o que acaba por inviabilizá-los para a educação escolar. Não podemos esquecer também aquela situação em que crianças e jovens têm abaladas sua autoestima, em função de vivências escolares que as levam a acreditar em sua suposta incompetência e contra a qual julgam que pouco há para fazer. Essa situação, geralmente, acompanha todas as outras (GUALTIERI E LUGLI, 2012, p.11).

Para além das descrições, as autoras expõem uma perspectiva arguta de análise do problema. Para elas, esse insucesso é uma ocorrência que só pode ser considerada *a partir e no interior da prática escolar* e o fracasso *na* escola tem como contrapartida inevitável o fracasso *da* própria instituição.

Cotidianamente os educadores se interrogam sobre o que leva o estudante e a escola ao fracasso. E é com essa pergunta que as autoras optam por tratar a temática do livro como um problema multifacetado e historicamente persistente. Quando refletem sobre os motivos das histórias de insucesso, as autoras ressaltam que:

Reconhecidamente, interferem na educação escolar o interesse e a disposição do aluno em aprender, porém, também é sabido que esse interesse e disposição não independem das condições de ensino em sala de aula, do trabalho do professor, da organização da escola e do sistema educativo, da situação socioeconômica e cultural da família e da sociedade. A prática educacional é complexa e se encontra no cruzamento de aspectos muito diversos, que dizem respeito à dinâmica da instituição escolar. Esta inclui fatores individuais relativos aos educadores e às crianças, à configuração do grupo de professores e de alunos que interagem, à cultura escolar, ao currículo, aos conteúdos escolares, aos métodos de ensino, além de fatores culturais e sociais que afetam a vida na escola. (GUALTIERI, LUGLI, 2012, p.12-13)

Detalhando essa perspectiva de análise, o livro está dividido em três partes, uma primeira em que situa historicamente o problema do fracasso escolar, evidenciando-o como uma prática instituída e criada pela escola desde finais do século XIX. Nessa parte 1, relativa ao “Fracasso escolar em retrospectiva”, as autoras expõem as várias explicações que, ao longo dos anos, tentaram justificar a exclusão de inúmeras crianças dos bancos escolares. Assim, elas retomam argumentos produzidos por grupos de cientistas e intelectuais quando consideraram as questões de ordens variadas, desde as biológicas, passando pelas de natureza médica, além dos aspectos culturais e econômicos de um lado e os aspectos da organização escolar, de outro. O texto identifica a configuração de cada uma dessas explicações desde a década de 1930 até os anos 1980, permitindo compreender que são frutos de iniciativas e movimentos diferenciados, mas que ainda assim mantêm em comum o fato de enfatizarem “explicações unicasais” do fracasso escolar, entendido ora como resultado das características individuais das

crianças, ora como decorrência de fatores sociais e culturais externos à escola, ora como um mero problema técnico-pedagógico. Em “Novas e velhas interpretações”, título da segunda parte do livro, as autoras situam um quadro relativamente recente de estudos e pesquisas que passaram a atentar para a participação da própria escola e do sistema de ensino no fracasso dos alunos. Trata-se de uma espécie de estado da arte da produção sobre o tema, que tem produzido compreensões mais férteis sobre as lógicas de socialização escolar e seus efeitos. Merece destaque aqui a parte em que as autoras dedicam a trabalhos sobre o papel da família na trajetória dos alunos. Como elas próprias assinalam: “Não raramente encontramos entre os educadores representações negativas a propósito das famílias dos alunos que são consideradas ausentes, desinteressadas ou pouco colaborativas com o processo de aprendizagem da criança.” (GUALTIERI, LUGLI, 2012, p.62). Entre professores, equipe gestora, funcionários da escola e mesmo entre os alunos e seus responsáveis, parece se consolidar hoje a ideia de que o fracasso dos alunos decorre de uma lógica socializadora familiar “desestruturada”, que impede o bom encaminhamento das atividades escolares. Ao identificar a natureza de argumentos desse tipo e ao dar uma atenção mais cuidadosa para os modos como os professores têm sido formados, **A escola e o fracasso escolar** traz importantes contribuições para o debate sobre o tema.

“A desnaturalização da escola”, título da terceira parte do livro, é justamente uma oportunidade de compreender um fenômeno presente na história de alunos e professores desde o século XIX, mas que pode ser transformado. E um caminho de superação do insucesso só pode ser pensado a partir de seu entendimento. Ora, se as práticas de justificação da desigualdade de crianças e estudantes não são questionadas, são tidas como naturais, elas continuam sendo tomadas como o único modo possível de ensinar. Para além de um debate meramente técnico, o modelo escolar é posto em pauta para evidenciar como, tradicionalmente, ele favorece o fracasso de boa parte dos alunos, que só podem viver numa instituição realmente “democrática” se ela for organizada para fazer sentido para todos os que frequentam seus bancos. Em resumo, é possível pensar em mais possibilidades de uso dos tempos na escola, ultrapassando a ideia de grades de horários fixadas apenas segundo as disciplinas e séries; é possível encontrar

alternativas diferenciadas para agrupar os alunos, permitindo um convívio mais diversificado, individual ou coletivo; é possível conceber espaços de aprender para além das tradicionais salas de aula. É possível, enfim, ter a escola como um lugar que favoreça mais as aprendizagens.

O livro se coloca, assim, como uma referência para conhecer o debate sobre o tema do fracasso escolar, ao mesmo tempo em que abre possibilidades de respostas para o problema. O leitor ainda conta com sugestões de livros, filmes, artigos e sites que podem ser úteis para pesquisadores e docentes. Afinal de contas, cabe a todos pensar e discutir a natureza e organização da escola que dispomos. Não se trata de elaborar um receituário de como lidar com o aluno que não aprende, mas sim de fundamentar uma perspectiva de análise que considera o problema em suas múltiplas dimensões e que inspira a busca de soluções, ou melhor, a busca de uma escola que, de fato, seja extensiva a todos, na medida em que favorece as aprendizagens de todos os seus estudantes. Pela sua temática, o livro interessa a todos, pesquisadores, administradores de ensino, professores, diretores, coordenadores pedagógicos, estudantes de Pedagogia, pois o fracasso é um problema a ser entendido e superado. Pela sua linguagem, pode aproximar os diferentes profissionais e favorecer um diálogo do qual participam diferentes áreas. A amplitude das referências bibliográficas mobilizadas no texto e o esforço de trazer o fracasso como um problema multifacetado permitem também que o livro seja um importante repertório para os cursos de formação de professores, em nível inicial ou continuado, já que essas são instâncias das mais decisivas para se construir uma escola menos seletiva e, portanto, menos fracassada.

Referências Bibliográficas

GUALTIERI, Regina C. Ellero, LUGLI, Rosário Genta. **A escola e o fracasso escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2012. (Coleção educação & saúde; v.6).